

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

SOLEDAD REYES NARVAEZ

**Projetos culturais de leitura: direito humano e
potencializador de perspectivas de futuro no projeto
Expedição Vaga Lume**

**São Paulo
2019**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

**Projetos culturais de leitura: direito humano e
potencializador de perspectivas de futuro no projeto
Expedição Vaga Lume**

Soledad Reyes Narvaez

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Especialista em
Gestão de Projetos Culturais

Orientador: Prof.^a Dra. Neide Tomiko Takahashi

São Paulo
2019

PROJETOS CULTURAIS DE LEITURA: DIREITO HUMANO E POTENCIALIZADOR DE PERSPECTIVAS DE FUTURO NO PROJETO EXPEDIÇÃO VAGA LUME¹

Soledad Reyes Narvaez²

Resumo: O Brasil não é um país de leitores e conta com baixos níveis de habilidade leitora em todas as faixas etárias em comparação a outros países. Nesse contexto, o exposto artigo propõe-se a averiguar as mudanças nas perspectivas de horizonte e a garantia do direito à literatura nos projetos culturais que incentivam à leitura e formam novos leitores. Como estudo de caso foram realizadas pesquisas semiestruturadas e investigações em materiais publicados no projeto Expedição Vaga Lume, que atua na Amazônia legal brasileira, possibilitando uma compreensão mais realista de como tais projetos, com seus mediadores de leitura, transformam realidades e ajudam na construção do futuro dos leitores beneficiados.

Palavras-chave: Projetos culturais de leitura. Direito à literatura. Mediadores de leitura. Novos leitores.

Abstract: Brazil is not a country of readers and has low levels of reading ability in all age groups compared to other countries. In this context, this article proposes to verify the changes in the perspective ahead and the guarantee of the right to literature in cultural projects that encourage reading and form new readers. As a case study, semi-structured researches and investigations on materials published were carried out in the Vaga Lume Expedition project, which operates in the Brazilian legal Amazon, enabling a more realistic understanding of how such projects, with their reading mediators, transform realities and help in the construction of the future of the readers touched by it.

Key words: Cultural projects of reading. Right to literature. Reading Mediators. New readers.

Resumen: Brasil no es un país de lectores y cuenta con bajos niveles de habilidad lectora en todas las edades en comparación a otros países. En ese contexto, el expuesto artículo se propone averiguar los cambios en las perspectivas a mediano y largo plazo y la garantía del derecho a la literatura en los proyectos culturales que incentivan la lectura y forman nuevos lectores. Como estudio de caso se realizaron encuestas semiestructuradas e investigaciones en materiales publicados en el proyecto Expedición Vaga Lume, que actúa en la Amazonia legal brasileña, posibilitando una comprensión más realista de cómo tales proyectos, con sus mediadores de lectura, transforman realidades y ayudan en la construcción del futuro de los lectores beneficiados.

Palabras clave: Proyectos culturales de lectura. Derecho a la literatura. Medidores de lectura. Nuevos lectores

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais, produzido sob a orientação da Prof.^a Dra. Neide Tomiko Takahashi do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação.

² Graduada em Comunicação Social pela ESPM – Escola Superior de Propaganda e Marketing.

1. Introdução

Em 2018, tive a oportunidade de conhecer de perto o projeto Criadeira de Histórias³, o qual, além de ser um projeto educativo, tem como compromisso espalhar um olhar de valor para cada lugar do país em suas características particulares e universais; aproximando pessoas, que muitas vezes se tornam personagens dos livros, através de suas semelhanças, gerando o sentimento de pertencer, ser brasileiro, cada um à sua maneira.

Ao me envolver na formatação da segunda jornada do projeto constatei que existe uma diferença entre projetos culturais de literatura e projetos culturais de leitura. Ainda que a diferenciação não seja algo formalizado através do nome, podemos averiguar que existem projetos que têm como objetivo a elaboração e divulgação do livro, que consideraremos de literatura, e outros que estão concentrados no acesso à leitura, podendo ou não ter também a produção do livro, considerados de leitura.

Em vista disso, a proposta deste artigo consiste em apurar se os projetos culturais de leitura, os quais se preocupam na criação de novos leitores e de aproximação à leitura, realmente oferecem novas perspectivas de futuro, possibilitando estruturação do pensamento abstrato e garantindo esse acesso como um direito humano. Assim, foi escolhido o projeto Expedição Vaga Lume, que atua na Amazônia legal brasileira, como foco do estudo, visto que tal programa tem entre os seus princípios: a leitura, como meio de empoderar e possibilitar a transformação social e o humanismo, no qual as próprias pessoas transformam a sua realidade.

Diante desse cenário, a pesquisa realizada foi direcionada a refletir o quanto as pessoas entendem o acesso à leitura como um direito humano e se essa prática possibilita uma sistematização de pensamentos que geram maior liberdade e autonomia do indivíduo.

As opções de procedimentos metodológicos utilizadas na investigação, além de coletas de dados secundários, foram duas entrevistas semiestruturadas com participantes do programa, tanto beneficiado como educador, e uma pesquisa documental com a análise de materiais realizados e divulgados ao longo da existência da Expedição.

³ Projeto cultural de leitura que possui a Coleção das Crianças Daqui, de oito volumes nos quais os personagens são inspirados em crianças brasileiras, que moram fora das grandes cidades, espalhadas em diversas regiões do país. Crianças que com sua autonomia e liberdade conhecem muito da natureza e da cultura do lugar onde vivem.

2. Horizonte Brasil e leitura

No panorama atual do país, as duas maiores livrarias existentes, Saraiva e Cultura, que juntas representam 40% do varejo do setor, estão em recuperação judicial. Existe de fato a possibilidade de uma crise sistêmica na indústria do livro, no qual dados apontam o fechamento de mais de 600 livrarias nos últimos quatro anos, anos de crise no Brasil (LEITÃO, 2018).

Se por um lado, grandes livrarias e editoras estão em situação complexa e com futuro incerto, por outro, livrarias menores como a Nobel, Curitiba, Leitura, Martins Fontes, da Vila, entre outras, apresentam crescimento e estratégias diferentes das grandes livrarias, tanto que as vendas de livros aumentou 6% em valor e volume no primeiro semestre de 2018 (KOIKE, 2018).

Dentro das táticas optadas por essas livrarias, podemos observar muitas ações com um lado mais humanizado, preocupadas com o cliente leitor e o seu relacionamento com o livro. A maioria delas adotou a diminuição do tamanho das lojas ou até mesmo do número de lojas, oferecem um atendimento personalizado e eventos compatíveis com o perfil de seus clientes. Afinal, para vender um livro há que se ter o desejo por ele e o hábito de leitura.

Para compreendermos melhor esses hábitos de leitura do Brasil, o Instituto Pró-Livro (IPL), cujo objetivo principal é o fomento à leitura e à difusão do livro, realiza a cada quatro anos uma pesquisa que mostra o retrato da leitura no país na qual é possível constatar que a situação é grave e com baixos níveis de habilidade leitora na população de todas as faixas etárias, comparadas inclusive com outros países em desenvolvimento na América Latina e Ásia.

Na última edição disponível, observamos que 56% da população são considerados leitores, com uma média de 4,96 livros por habitante/ano, e que esse número aumenta a cada ano. Apesar do crescimento, o número está longe de ser o ideal, o que justifica a importância da existência de projetos culturais de leitura, principalmente no Brasil cuja verba destinada à cultura representa apenas 0,015% do orçamento federal⁴, expondo com esse fato que o direito à cultura não é um dos mais

⁴ Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. Orçamento Cidadão: Projeto de Lei Orçamentária Anual - PLOA 2017. Brasília, 2016.

valorizados o que nos pode levar a concluir que o direito à leitura, que faz parte da cultura, carece ser ainda mais motivado e divulgado.

Temos a visão do cenário através dos números, porém é fundamental perceber que a prática da leitura é adquirida regularmente pela figura do mediador:

Os mediadores de leitura são aquelas pessoas que estendem pontes entre os livros e os leitores, ou seja, que criam as condições para fazer com que seja possível que um livro e um leitor se encontrem. A experiência de encontrar os livros certos nos momentos certos da vida, esses livros que nos fascinam e que nos vão transformando em leitores paulatinamente, não tem uma rota única nem uma metodologia específica; por isto os mediadores de leitura não são fáceis de definir. No entanto, basta lembrar como descobrimos, nos primeiros anos da vida, esses livros que deixaram rastros em nossa infância e, talvez, aparecerão nítidas algumas figuras que foram nossos mediadores de leitura: esses adultos íntimos que deram vida às páginas de um livro, essas vozes que liam para nós, essas mãos e estes rostos que nos apresentavam os mundos possíveis e as emoções dos livros (REYES, 2014, s/ p.).

Retomando a pesquisa do IPL, é analisado que o hábito da leitura é uma construção vinda da infância altamente influenciada por terceiros, principalmente mães e pais, cujo resultado nos mostra que pessoas que tiveram contato com a leitura na infância via mediação, acabam promovendo essa experiência com as futuras crianças que venham a se relacionar, em proporção maior aos não leitores.

As informações do IPL indicam que apenas um terço dos brasileiros teve influência de uma pessoa na formação do seu gosto pela leitura. Michèle Petit é uma antropóloga e pesquisadora francesa que em seu livro “A arte de ler” relata as experiências desenvolvidas por mediadores de leitura em situações de crise como confrontos armados, catástrofes naturais, pobreza, migrações forçadas, principalmente na América Latina, nessa perspectiva Petit constata:

De todo modo, o que distinguia um meio social de outro eram os obstáculos. Para alguns, tudo era dado de nascença, ou quase; para outros, o distanciamento geográfico se somava às dificuldades econômicas e às interdições culturais. Se chegaram a ler, foi sempre graças a mediações específicas, ao acompanhamento afetuoso e discreto de um mediador com gosto pelos livros, que fez com que a apropriação deles fosse almejada (PETIT, 2012, p. 24).

No Brasil, no ano de 2006, foi criado o Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL com o intuito de ser um conjunto de projetos, programas, atividades e eventos na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas em desenvolvimento. É um plano de orientação

para desenvolvimento de políticas públicas nessa área e foi construído sobre quatro eixos:

- a) democratização do acesso, com orientações para facilitar o alcance aos livros como implantação e fortalecimento de bibliotecas, feiras e compartilhamento gratuito de livros;
- b) fomento à leitura e à formação de mediadores, com instruções para programas de capacitação, projetos sociais, desenvolvimento de pesquisas e estudos nessa área, além de prêmios e reconhecimentos de estímulo às práticas sociais de leitura;
- c) valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico, com diretrizes para ações de consciência do valor social do livro, desde campanhas institucionais a materiais impressos;
- d) desenvolvimento da economia do livro, com referências de otimização de cadeia produtiva do livro, como distribuição, circulação e consumo, ademais de maior presença no exterior da produção nacional literária científica cultural.

Após o PNLL ser instituído por meio de Decreto em 2011, em julho de 2018 foi sancionada a Lei Castilho⁵ que estabelece a Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE), deixando de ser uma política de governo para ser uma política de Estado, ou seja, traz esperanças das diretrizes do PNLL serem postas em prática por meio de mecanismos legais, porém, não foi apresentado como isso será feito.

Nesse sentido, compreende-se a importância da existência de projetos culturais que visam a formação de novos leitores e que buscam através da mediação o incentivo à leitura, seguindo eixos estabelecidos no PNLL.

3. Direito à literatura, um direito humano à percepção do mundo

Este artigo considera o conceito de direito à literatura como um direito humano, assim como Antonio Candido (2004) escreveu em seu texto “O direito à literatura”, no qual aborda a definição de literatura, suas classificações, os motivos que a levam a ser considerada um direito humano e, conseqüentemente, a sua importância para a sociedade.

⁵ No dia 13 de julho de 2018, o Diário Oficial da União publicou a sanção presidencial à Lei 13.696, conhecida como Lei Castilho.

Segundo o autor, devemos pensar em direitos humanos como aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo e o esforço de incluir esse próximo nas nossas reivindicações; é a base da reflexão sobre os direitos humanos, afinal, a tendência mais enraizada é achar que os nossos direitos são mais imediatos do que os do semelhante. Já a literatura consegue desenvolver no ser humano essa fração de humanidade uma vez que o torna mais compreensivo e acessível para a natureza, a sociedade e o próximo (CANDIDO, 2004).

A literatura é um direito de todos e negá-la é maltratar a nossa sensibilidade como humanos e restringir o acesso a uma necessidade universal:

Nas sociedades que mantêm a desigualdade como norma, e é o caso da nossa, podem ocorrer movimentos e medidas, de caráter público ou privado, para diminuir o abismo entre os níveis e fazer chegar ao povo os produtos eruditos. Mas, repito, tanto num caso quanto no outro está implícita como questão maior a correlação dos níveis. E aí a experiência mostra que o principal obstáculo pode ser a falta de oportunidade, não a incapacidade (CANDIDO, 2004, p. 188).

É muito mais complexo disponibilizar este direito à sociedade do que simplesmente oferecer bibliotecas ou livrarias em cada esquina do país. A formação de novos leitores, promover a fruição da arte e da literatura e compreender que essas implicações estão relacionadas à formação humana e, por conseguinte, uma sociedade mais justa é um trabalho árduo.

Uma das transformações em contato com a literatura é a capacidade de compreensão do mundo, relacionada a sua formação humana, de entendimento da sua realidade e da possibilidade de novos horizontes.

A organização da obra literária, como assinala Antonio Candido (2004) é um fator que capacita estruturar a própria mente e os sentimentos, tendo como resultado uma sistematização da visão que temos do mundo, já que a organização da palavra dialoga com o nosso espírito, primeiramente para ordenar-se e em seguida ordenar o mundo.

Michele Petit (2012) exemplifica essas modificações através da narrativa da leitura, na qual é possível estabelecer vínculos entre os fragmentos da história, os participantes de um grupo de leitura e, ocasionalmente, os universos culturais, considerando que essas leituras possibilitam a construção de um mundo interior e de uma posição do sujeito, cada vez mais autônomo:

De fato, o que os leitores descrevem quando se referem a esse salto para fora de suas realidades cotidianas provocado por um texto não é tanto uma fuga, como é dito frequentemente, de maneira um pouco depreciativa (acreditando-se que seria mais honrável se dedicar totalmente à sua dor ou ao seu tédio), mas uma verdadeira abertura para um outro lugar, onde o devaneio, e portanto o pensamento, a lembrança, a imaginação de um futuro tornam-se possíveis (PETIT, 2012, p. 76).

A autora versa ainda que “ler tem a ver com a liberdade de ir e vir, com a possibilidade de entrar à vontade em um outro mundo e dele sair” (PETIT, 2009, p. 69). Nessa lógica, é significativo lembrar da importância do mediador de leitura para a formação de leitores e não podemos deixar de ter em mente a realidade de cada indivíduo.

4. Mediadores de leitura e seu entorno

A escolha de estudar os projetos culturais de leitura está ligada diretamente à responsabilidade de cujos projetos têm de ter sobre aprendizado em conjunto e com plena consciência da realidade dos envolvidos, especialmente na formação de novos leitores através da mediação.

A função da mediação vai além da leitura para outras pessoas ou uma indicação de um livro. Mediadores atuam também como educadores:

O trabalho do mediador de leitura não é fácil de reduzir a um manual de funções. Seu ofício essencial é ler de muitas formas possíveis: em primeiro lugar para si mesmo, porque um mediador de leitura é um leitor sensível e perspicaz, que se deixa tocar pelos livros, que desfruta e que sonha em compartilhá-los com outras pessoas. Em segundo lugar, um mediador cria rituais, momentos e atmosferas propícias para facilitar os encontros entre livros e leitores. [...] Assim, em certas ocasiões, conversa ou recomenda algum livro; em outras permanece em silêncio ou se oculta para deixar que livro e leitor conversem. Por isso, além de livros, um mediador de leitura lê seus leitores: quem são, o que sonham e o que temem, e quais são esses livros que podem criar pontes com suas perguntas, com seus momentos vitais e com essa necessidade de construir sentido que nos impulsiona a ler, desde o começo e ao longo da vida (REYES, 2014, s/ p.).

Ao entendermos mediadores como educadores, vamos considerar a educação mediante a visão de Paulo Freire, a qual nos trata justamente sobre esse comprometimento:

Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias. [...] A educação não é um processo de adaptação do indivíduo à sociedade. O homem deve transformar a realidade para ser mais (FREIRE, 2011, p. 38).

Compreendemos assim a importância da formação, não apenas educacional, dos mediadores de leitura. É necessário ter clareza, como nos fala Freire (1982, p.22) de que a leitura do mundo antecede a leitura da palavra e que uma implica na continuidade da outra, sendo assim, é possível ir mais longe e admitir que a transformação do mundo é feita através da nossa prática consciente.

Petit, ao observar o trabalho dos mediadores de leitura nos inúmeros projetos que visitou, afirmou:

Nenhum daqueles cujo trabalho acompanhei o encara como um bálsamo ou assistência, menos ainda como contenção: ver-se reduzidos a conduzir e disciplinar zonas marginalizadas seria para eles insuportável. Trata-se muitas vezes de pessoas engajadas em lutas sociais e para quem o acesso à cultura, ao conhecimento, à informação constitui em direito excessivamente desprezado. Assim como a apropriação da literatura. Ela lhes parece desejável por vários motivos, como veremos: porque quando aí se penetra, torna-se mais hábil no uso da língua; conquista-se uma inteligência mais sutil, mais crítica; e também torna-se mais capaz de explorar a experiência humana, atribuindo-lhe sentido e valor poéticos (PETIT, 2012, p. 28 - 29).

Além da realidade de vida, outro ponto que deve ser levado em conta pelos projetos culturais de leitura é a questão da cultura da oralidade tão forte e presente na América Latina e em nosso país. Se, como vimos, o número de leitores no Brasil ainda é escasso, assim como o acesso aos livros, a fala tem um papel importante no conhecimento das tradições e histórias do nosso povo e Petit percebeu a relevância da história contada nesse tipo de ambiente:

Por muito tempo se opôs oral e escrita, embora o livro e a voz sejam companheiros, e a biblioteca, em particular, seja um ambiente "natural" para a oralidade: é o lugar de milhares de vozes escondidas nos livros que foram escritos a partir da voz interior de um autor. Quando lê, cada leitor faz reviver essa voz, que provém às vezes de muitos séculos atrás. Mas para as pessoas que cresceram longe dos suportes impressos, alguém tem que emprestar sua voz para que entendam aquela que o livro carrega (PETIT, 2012, p. 59).

5. A Expedição Vaga Lume e procedimentos metodológicos

O objetivo deste artigo é investigar se, por meio de projetos culturais que incentivam à leitura e formam novos leitores, é possível constatar uma mudança e/ou organização de pensamentos, novas perspectivas de horizonte e a garantia do direito à literatura. Para tal fim, foi escolhido como foco do estudo o projeto Expedição Vaga Lume, cujo propósito é “empoderar crianças de comunidades rurais da Amazônia a partir da promoção da leitura e da gestão de bibliotecas comunitárias como espaço para compartilhar saberes” (VAGA LUME, 2018a, p.10).

Há mais de 17 anos em atuação, tal programa opera na Amazônia legal brasileira, região que cobre 61% do território brasileiro e tem um dos piores IDHs do país, com 20% da população analfabeta funcional⁶, ou seja, que têm 15 anos ou mais de idade com menos de quatro séries concluídas. Os princípios do projeto Expedição Vaga Lume são: humanismo, criança, leitura, interesse, diversidade cultural e cultura local.

O Programa Expedição promove o acesso ao livro e à leitura em comunidades rurais da Amazônia Legal brasileira, por meio da criação de bibliotecas comunitárias, capacitação de mediadores de leitura, incentivo à gestão comunitária e valorização da cultura local. [...] Dentro da comunidade, os mediadores de leitura atuam como voluntários das bibliotecas, estabelecendo uma ponte, para que os livros saiam das prateleiras e cheguem até as crianças (VAGA LUME, 2018a, p. 34).

Como preceito da Vaga Lume, para o programa Expedição funcionar três frentes devem ser contempladas e interligadas entre elas: a implantação da estrutura física da biblioteca na comunidade, com estantes e livros; a formação de mediadores de leitura, elemento considerado essencial para a promoção da leitura e o estímulo à gestão comunitária da biblioteca, para propiciar sempre um espaço adequado e planejado de acesso aos livros (VAGA LUME, 2018a).

Para a realização da pesquisa deste artigo foram utilizados os seguintes procedimentos: análise de dados secundários, pesquisa documental com

⁶ Informação Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2015, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE)

investigação de materiais elaborados e publicados durante a existência do projeto Vaga Lume e duas entrevistas semiestruturadas.

A análise dos dados secundários foi feita a partir da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, realizada pelo Instituto Pró-livro de quatro em quatro anos, que se encontra na sua 4ª edição do ano de 2016, e do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL, 2010).

A investigação de materiais elaborados e publicados deu-se principalmente através de vídeo de depoimentos de beneficiados pelo programa Expedição Vaga Lume, curta-metragem relatando a experiência inicial do programa formando mediadores em umas das primeiras comunidades rurais que o projeto chegou e reportagens publicadas sobre o programa com entrevistas e relato de vida de beneficiados.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com integrantes do projeto Expedição Vaga Lume, sendo a entrevistada A uma educadora e gestora de voluntários, atuando há quatro anos, e o entrevistado B um beneficiado há mais de 11 anos e hoje educador no programa.

Durante a realização da pesquisa, as diretrizes seguidas foram verificar se a formação de leitores e o hábito da leitura promovem uma organização de pensamentos, possibilitando uma maior autonomia e até novas perspectivas de futuro, e a conscientização do acesso à literatura como um direito humano.

6. Projetos culturais de leitura transformando realidades

Desde o princípio do programa Expedição Vaga Lume é possível constatar que os mediadores de leitura eram uma das frentes principais de formação para construir uma conexão entre os livros e as crianças. No vídeo “Keró”, elaborado no início da Vaga Lume (VAGA LUME, 2003), observamos todos os caminhos necessários para chegar até uma comunidade ribeirinha na Amazônia, apresentar o projeto, ainda desconhecido na região, e formar os mediadores, naquele momento os professores foram escolhidos para ocupar esse cargo. Trecho da apresentação do projeto aos educadores:

O que a gente quer fazer nesse curso é formar vocês todos como mediadores de leitura para que várias crianças possam ter na vida delas a chance de ter um mediador de leitura, ou seja, uma pessoa

que vai colocar elas em contato com os livros de uma forma prazerosa, para que essas crianças gostem de ler. Tem várias barreiras entre essas crianças e esses livros. O papel do mediador de leitura vai ser fazer uma ponte entre essa menina e esse livro (VAGA LUME, 2003, s/ p.).

Após 15 anos, a associação Vaga Lume fora do meio cultural em torno do livro não é reconhecida pela grande maioria das pessoas, em contraponto, tem um reconhecimento enorme nas regiões em que atua, sendo muitas vezes considerada um bem precioso, de acordo com a gestora A entrevistada⁷ (informação verbal):

Sinto que a gente não é tanto conhecida, quem está no meio do livro, da literatura, conhece e pronto. Mas fora desse meio é muito difícil [...] Mas quando você vai para Amazônia, está próximo dessas comunidades, lá é muito conhecido. Ontem mesmo uma educadora do Rio me falou que passou por vários municípios do Amazonas e todo mundo falava da Vaga Lume, e isso é muito legal, porque é lá que a gente está [...] como lá é uma região muito pouco assistida pelo governo, pelas políticas, principalmente educação, então as pessoas querem te retribuir de uma maneira que seja à altura daquilo que elas estão recebendo. É tão valioso a literatura para elas e elas enxergam isso como um tesouro, que elas atribuem a nossa figura a isso.

Provavelmente a escassez de políticas públicas na região, como considerado pela entrevistada, seja um dos fatores para o enorme reconhecimento local do projeto, todavia ao explorarmos os depoimentos no último vídeo “ Depoimentos – 17 anos de Vaga Lume” (VAGA LUME, 2018b) elaborado pela associação junto aos beneficiados pela expedição validamos como o acesso à leitura proporciona novas perspectivas de futuro.

Nos depoimentos, o beneficiado 1 comenta no vídeo o reconhecimento de seu papel como protagonista de sua existência: “Com a Vaga Lume eu aprendi diversas coisas e a principal delas é que nós podemos mudar o mundo”, beneficiado 2 reconhece a importância do livro e as mudanças efetivas na sua vida: “Com isso, fui cada vez aperfeiçoando os meus estudos e hoje já estou cursando uma faculdade e se Deus quiser estou terminando já” e beneficiado 3 nos mostra o valor do acesso à uma biblioteca e como a proximidade com vários livros pode ampliar repertórios: “Eu acho que a biblioteca é muito importante para mim porque através dela eu posso conhecer muitas coisas e posso conhecer vários lugares que eu nunca fui, posso conhecer países e também personagens importantes” (VAGA LUME, 2018b).

⁷ Entrevista concedida em 13/09/2018 pela educadora e gestora A.

O contato continuado com o livro, além da possibilidade de um novo horizonte, traz mudanças efetivas na vida de muitas pessoas e acaba gerando uma maior autonomia e independência como ser humano. Essa transformação é expressa pelo beneficiado e educador B⁸ (informação verbal):

Quando eu morava na comunidade eu tive contato desde cedo com a leitura e graças a esse contato tanto quanto leitor, como voluntário da Vaga Lume, fez com que eu escolhesse a minha profissão. Eu fiz licenciatura e sempre quis ser professor, eu acredito muito nesse trabalho, quanto a educação pode mudar a vida de alguém. Tanto a minha relação com outras pessoas, não só na educação, minha relação melhorou, a forma como eu trato as pessoas, a forma como eu me relaciono com as pessoas de outras comunidades [...] não somente na questão do livro em si, mas minha relação com as pessoas, a relação com a sociedade melhorou [...] acompanho os voluntários das comunidades e eu percebo a mesma coisa com eles, principalmente com os mais jovens, eles se tornam mais engajados na política, por exemplo, mais engajados como protagonistas na comunidade, não somente no trabalho da biblioteca mas em questão de liderança mesmo comunitária, pois nessas comunidades é muito importante o papel de liderança.

Não apenas um futuro distante, não apenas crianças, o mediador e a leitura facilitam renovações do mesmo modo no dia a dia de adultos. São mudanças de atitudes, de convivência que alteram inclusive a percepção de pertencimento como relatada no testemunho da entrevistada A (informação verbal):

Esse ano a gente foi dar um curso no Maranhão, em um evento que a gente fez, e aí a gente convidou dois voluntários que estão há muito tempo na Vaga Lume para dar o curso junto com a gente, que é o Dijaik, que é de Tefé no Amazonas, e a Jane que é do Maranhão, só que de uma comunidade quilombola em outro município. A Jane é uma pessoa que 3 anos atrás, quando eu a conheci, ela não conseguia olhar no olho das pessoas, ela não conseguia falar em público, era uma pessoa supertímida, mas muito inteligente e cheia de vontade... e ela estava lá, com a cabeça erguida e deu o curso, apresentou, sentou no chão, conversou com as crianças, conversou com todo mundo, falou com o Prefeito... e uma hora ela sentou do meu lado e falou: “Eu não fazia isso, sabe quanto isso é importante para mim?”.

Dentre as mudanças alcançadas por quem começa a ter a leitura como parte de sua rotina, apresenta-se a literatura reconhecida como um direito e que ao ser adquirido não quer mais ser perdido. Na entrevista com o educador B, o qual é morador de Belém, além do relato das transformações que ocorreram em sua vida,

⁸ Entrevista concedida em 02/11/2018 pelo beneficiado e educador B.

igualmente relatou outras histórias de pessoas que ao se envolverem com o projeto, com a leitura constante, tornaram-se ativistas e preocupadas com o alcance desse direito para todos:

Conheço a Tássia, que ela era voluntária de uma biblioteca aqui no Bengui, periferia de Belém, única biblioteca Vaga Lume na zona urbana, lá encerrou o trabalho por diversos fatores, era uma cidade grande, dificuldade de treinar voluntários, só que a Tássia, minha amiga, continua sendo engajada no que ela acredita. Ela cursa pedagogia e ela continua também lutando para que outras crianças também tenham acesso à educação, porque ela teve esse acesso através da Vaga Lume, através de outros projetos. Só que embora tenha encerrado na comunidade o trabalho da Vaga Lume, ela ainda continua como uma pessoa engajada pela educação, como uma ativista pela educação (ENTREVISTADO B, informação verbal).

Nos materiais levantados, observa-se que após o contato com o livro, via mediadores de leitura, os novos leitores compreendem o valor da leitura em suas vidas bem como querem passar isso adiante, querem transformar a vida de outros, querem contar o segredo descoberto. Ação essa cada vez mais necessária para construir o hábito da leitura, pois elementos investigados pela pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, mostram-nos que as principais barreiras para a leitura, salvo a falta de tempo, são: falta de gosto pela leitura, falta de paciência e de concentração e não considerar uma atividade prazerosa (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016).

Tais barreiras, com ajuda de um mediador de leituras, são mais viáveis de serem ultrapassadas. Outro ponto observado para formar a prática da leitura é o interesse pelo tema do livro e o reconhecimento desse conteúdo:

Uma das formas que a gente usa de valorização é através da oralidade, ouvindo as histórias, a gente faz um trabalho que a gente chama de livro artesanal, a partir da escuta dessas histórias, os próprios voluntários que atuam na biblioteca eles produzem alguns livros com histórias de pessoas mais velhas da comunidade [...] E quando a pessoa que contou a história, vê essa valorização, vê que tem um livro e tudo mais, ela acaba criando de alguma forma um laço com a biblioteca, ela vê o quanto que valorizaram a história, o quanto aquele livro passa a ser importante, mesmo que seja um livro de uma história que ela já sabia, isso acaba estreitando mais o laço entre a pessoa e a própria biblioteca [...] As histórias acabam sendo uma ponte para ligar um pouco as pessoas, a biblioteca, as pessoas de realidade diferentes (ENTREVISTADO B, informação verbal).

É a constatação da “sua história” materializada em um livro que pode alcançar novas pessoas e, igualmente que conheceu outros mundos ao ler outros livros, o seu mundo será divulgado e passível de imaginação.

Assim, projetos culturais de leitura, junto aos livros e mediadores, viabilizam novas perspectivas de futuros, transformam realidades cotidianas e ajudam na maior autonomia do ser humano, contudo buscam reconhecimento da sua importância.

7. Considerações finais

Uma das frentes do projeto Expedição Vaga Lume é a gestão comunitária da biblioteca implantada na comunidade, possibilitando livre acesso das pessoas e criando um laço das crianças e dos jovens que se sentem parte do espaço, contam com mediadores e ampliam o gosto pela leitura. Em contrapartida, muitas bibliotecas e livrarias criam um distanciamento do livro e a percepção de não pertencimento desse universo, afastando possíveis leitores.

Possivelmente a participação da comunidade na biblioteca é o melhor caminho para desenvolver a leitura, mas não indefectível. Anteriormente existiram mais de 200 bibliotecas da Expedição Vaga Lume, atualmente são 99. Foco em outras necessidades da comunidade, dificuldade em manter a gestão e mediadores e falta de interesse nos livros, são alguns pontos relatados nas entrevistas, os quais nos revelam obstáculos a serem enfrentados por projetos culturais de leitura, além de nem sempre alcançar os resultados esperados.

Na atualidade, com a crise existente das maiores livrarias do Brasil e atingindo muitas editoras, podemos observar esse tema sendo citado com mais frequência na imprensa e levantando diversas opiniões e questionamentos, que vão desde compreender o valor intangível do livro, o papel da livraria, a guerra de preços das editoras, a presença de livrarias em cidades menores, o modelo das grandes redes, a venda online e física, e assim por diante.

Sabemos que a leitura abrange muitas áreas e questões relacionadas à educação do país, políticas públicas, acesso ao livro, mudanças de comportamento humano, desenvolvimento tecnológico, entre outros, afetam diretamente o aumento do número de leitores.

Como vimos, o papel do mediador de leitura tem parte fundamental nessa cadeia de formação de leitores e poderíamos estudar uma relação do mediador, com

suas características mais humanizadas que observamos, com as estratégias de crescimento das pequenas livrarias com ações mais próximas de seus clientes, buscando a função possível de associar com a finalidade do mediador de leitura.

Certamente mudanças futuras estão por vir, não necessariamente positivas. Diante disso, projetos culturais que incentivam a leitura também têm sua atribuição nessa cadeia, plantando sementes que geram novos leitores, os quais reconhecem a necessidade e a relevância do livro e, comumente, passam adiante essa descoberta.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria Interministerial nº 1.442, de 10 de agosto de 2006. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 11 de ago. 2006. Seção 1, nº 154, p.18-19.

CANDIDO, Antonio. 1970. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 4ª ed. São Paulo: Duas Cidades | Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 4ª ed. São Paulo: Editora Autores Associados | Cortez Editora, 1982.

_____. 1979. **Educação e mudança**. 34ª ed. São Paulo: Paz e terra, 2011.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Pesquisa retratos da leitura no Brasil**. 4ª ed. São Paulo: Ibope inteligência, 2016.

KOIKE, Beth. Livrarias regionais superam a crise e crescem. **Valor Econômico**, São Paulo, 26 nov. 2018. Disponível em: <www.valor.com.br/empresas/5998769/livrarias-regionais-superam-crise-e-crescem>. Acesso em: 10 Dez. 2018.

LEITÃO, Míriam. Precisamos falar sobre os livros. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2 dez. 2018. Disponível em: <blogs.oglobo.globo.com/miriam-leitao/post/precisamos-falar-sobre-os-livros.html>. Acesso em: 10 Dez. 2018.

PETIT, Michèle. 2009. **A arte de ler**: ou como resistir à adversidade. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

PNLL – PLANO NACIONAL DO LIVRO E LEITURA. **Publicação do Caderno do PNLL**. Edição Atualizada 2010. Supervisão Geral de José Castilho Marques Neto e Coordenação Executiva de Luciana do Vale. Brasília, DF, 2010.

REYES, Yolanda. Mediadores de leitura. In: **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: CEALE/FAE/UFMG, 2014. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/mediadores-de-leitura>>. Acesso em: 16 Jan. 2019.

VAGA LUME. **Relatório de atividades Vaga Lume 2017**. São Paulo: 2018a

_____. **Keró**. 2003. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=Jc_V7o2b4g8&t=1s>. Acesso em: 12 dez. /2018.

_____. **Depoimentos – 17 anos de Vaga Lume**. 2018b. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=v75XFVgpzCY&t=9s>. Acesso em: 12 dez. /2018.

Apêndice A – Entrevistas

Entrevistada A – Educadora e gestora da Vaga Lume, entrevista concedida à pesquisadora dia 13/09/2018 na sede da Vaga Lume, São Paulo.

S.R: Hoje são 99 bibliotecas, mas já foram mais de 200. Como funciona a escolha de ter ou tirar bibliotecas?

A: Existe um tripé na Vaga Lume. A biblioteca só funciona se tudo (do tripé) estiver funcionando, se não estiver funcionando algum desses pontos ou a comunidade nos aciona para a gente ir lá e dar um curso focado na cultura local, ou focado em gestão, ou capacitação, ou a gente envia estrutura ou abre um projeto de apoio para fomentar tudo isso aqui, enfim a gente tenta fazer alguma coisa. Se não é mais de interesse da comunidade a gente não precisa estar lá, mas é um trabalho muito respeitoso com a comunidade, eles falam para gente “agora não é o nosso foco, a gente precisa focar na horta comunitária”, então a gente se retira, a gente não tira nada, tudo que foi doado fica, a gente só deixa de investir. Se por um acaso eles se articularem e quiserem a biblioteca de novo, a gente volta para lá faz um diagnóstico e vê se a comunidade vai dar conta de estar com todas essas pontinhas (tripé) funcionando. Por essa razão, desde 2015 até esse ano a gente foi encerrando, a gente pensou vamos focar nas que estão funcionando e depois a gente expande, porque as que não estavam funcionando a maioria tinha mais 15 anos e já tinha passado momento e a comunidade falou que estava em outra fase, é muito difícil generalizar, pois cada uma é tão específica.

S.R: A história das meninas está contada em vários lugares, gostaria de saber por que elas decidiram levar livro?

A: Elas tinham algumas ideias, elas pensaram em várias coisas, porque assim a ideia a princípio era conhecer as pessoas, a história das pessoas, porque muita gente vai para Amazônia para explorar a fauna e flora, enfim quando a gente vai para lá vemos muito dessas pessoas. Elas queriam fazer um trabalho diferente. Quando elas fizeram um diagnóstico da região elas observaram que, porque uma delas é do Pará e por isso era mais fácil ter essa visão de uma comunidade Ribeirinha, ou indígena, ou quilombola, e elas entraram num consenso, pensaram em várias coisas: a gente pode lidar com a questão do lixo, que é um problema, etc. No fim, pensando, chegaram nessa conclusão de que seria legal uma troca e não só levar, e não só conhecer, seria legal uma troca, então elas entenderam, a Silvia que a nossa presidente ela é educadora, então ela já estava com essa vontade de investir nas crianças, de pensar na literatura que aproximasse, e foi bem isso. Na verdade, na primeira expedição elas foram deixando uma caixinha de livro em cada lugar e não era para ser uma biblioteca. Elas iam com essa proposta de formar mediadores de leitura, de ter essa troca, já que a gente está indo para conhecer a história das pessoas, vamos levar história para eles. Só que foi crescendo, elas tiveram várias ideias, mas elas enxergaram que isso fosse algo mais humano, do que você ir para lá para conhecer as pessoas e de quebra deixa aproveitar e explorar a sua floresta... era uma coisa mais corpo a corpo.

S.R: Como que é recepção das pessoas?

A: Porque assim, a gente vai nas comunidades que já sabe muito da Vaga Lume, que já conhece a Vaga Lume, então a gente nem precisa falar que é da Vaga Lume, é só aparecer lá com a camiseta laranja que você já é muito bem recebido. Então eu não tive a experiência de chegar numa comunidade onde não tem biblioteca, as que eu vou, por exemplo, já tem biblioteca... É engraçado porque assim como lá é uma região muito pouco assistida pelo governo, pelas políticas, principalmente educação, então as pessoas querem te retribuir de uma maneira que seja à altura daquilo que elas estão recebendo. É tão valioso a literatura para elas e elas enxergam isso como um tesouro, que elas atribuem a nossa figura a isso. A

peessoa diz: preciso muito agradecer essas meninas (a gente fala meninas porque na nossa equipe tem dois homens, são 20 mulheres e 2 homens), então é uma recepção bem assim, as pessoas não sabem direito que fazer para te agradar, porque elas querem muito te agradar. Só que quando elas vêm para cá a gente também faz isso né, a gente fala estão vindo os nossos voluntários, as pessoas que fazem a roda girar no ponta, então a gente procura dar do bom e do melhor também, vamos ficar no hotel bacana, vamos ter uma refeição legal, vamos tentar, óbvio que a gente é uma ONG, nem sempre a gente consegue né, a gente tem que sambar um pouco, mas a gente tenta ter essa troca.

Sobre o primeiro contato eu não tive essa experiência, mas tem um filme no YouTube que chama Keró - povo do rio, que é um documentário da primeira expedição da Vaga Lume, ele foi gravado em Portel, que é um município do Pará, que mostra esse primeiro contato que elas tiveram numa comunidade sem biblioteca. Foi uma pessoa filmando, tem uns 15 minutos, mostra a recepção mesmo das pessoas, das crianças, das pessoas sem entender o que estava acontecendo, elas tiveram que passar de casa em casa, explicar o que que era, convidar as pessoas, dizer que não era obrigatório. A princípio elas focavam bastante nos professores e depois o foco passou para todas as pessoas da comunidade, inclusive os jovens, trazer os jovens para perto.

S.R: Você sente bem forte a cultura da oralidade e isso é uma barreira ou não?

A: Isso inclusive faz parte da nossa metodologia, que é a valorização da cultura local. A gente incentiva as pessoas, porque assim, a gente leva muito a literatura de fora, tem poucos escritores na Amazônia, a gente procura sempre pegar e ler o livro deles e colocar no acervo para as pessoas também terem acesso, mas a gente sabe que muitas pessoas nas comunidades, as histórias estão todas na oralidade e com a chegada do rádio, da TV, agora Internet, isso tem se dissolvido um pouco, as pessoas deixaram um pouco de sentar em roda para contar história, então a gente tenta fazer uma valorização mesmo, do tipo: Olha que legal essa história. Os indígenas têm muito isso: o povo nasceu de um buraco no chão, aí eles têm toda uma história explicando porque que povo nasceu de um buraco no chão, então a gente fala porque não registrar? Tem uma parte do nosso curso que é o registro dessas histórias, a gente faz os livros artesanais, e aí acontece de tudo, tem tanto história de lenda, de boto, de curupira, de Matinta Perera, quanto tem a história do seu João que saiu do Ceará, na época do ciclo da borracha, e fundou uma comunidade. E isso é tão legal quanto uma lenda.

Não é uma barreira a cultura da oralidade, só agrega com essa troca e é maravilhoso.

S.R: O projeto da Vaga Lume é bem conhecido? As pessoas sabem do que se trata?

A: Sinto que a gente não é tanto conhecida, quem está no meio do livro, da literatura, conhece e pronto. Mas fora desse meio é muito difícil, eu sou do interior de São Paulo e ninguém tinha ouvido falar em alguma coisa parecida com essa.

Mas quando você vai para Amazônia, está próximo dessas comunidades, lá é muito conhecido. Ontem mesmo uma educadora do Rio me falou que passou por vários municípios do Amazonas e todo mundo falava da Vaga Lume, e isso é muito legal, porque é lá que a gente está, mas é fato que a gente não é muito conhecida, muitas vezes, quando falo que trabalho na Vaga Lume, as pessoas me perguntam se no “livro” ou na “música”.

S.R: Vocês falam que tem o compromisso com empoderamento de crianças e jovens e fazer da leitura um instrumento de transformação social. Eu queria que você me explicasse o que chamam “empoderamento de crianças” e o que que você chama de “transformação social”?

A: O empoderamento que a gente entende é a criança, o jovem, ou até mesmo o adulto, mas a gente foca nas crianças, é ela ter o horizonte de onde ela pode chegar, ela ter essa janela aberta e falando: existe tudo isso e você pode escolher o que você quiser e ter isso para ela.

O André foi uma criança empoderada, quando ele viu que ele podia chegar onde ele quisesse, ele pode escolher. E acontece isso muito isso, pode ser que a pessoa não queira escolher nada, mas ela sabe que existe.

A transformação social também está nessa pegada, de você entender que “eu enquanto adulto, que conheço essa janela aberta, consigo passar para uma criança que existe essa janela aberta e aonde ela pode chegar”. A gente vai entendendo dessa maneira e também valorizando uma população que não é tão valorizada quanto deveria. A gente fala, quem mora lá são os guardiões desse patrimônio Mundial, essas pessoas deveriam ser muito valorizadas. É algo bem sutil, transformação social seria a gente dar ferramentas para as pessoas, falar você pode ir por aqui, por aqui, por aqui, você sabia disso? Sabia, que é ótima. Eu não sabia, então agora você sabe. Passar e disseminar a metodologia.

É muito legal ver isso nos adultos também, porque as crianças elas são muito transparentes no olho dela você já vê tudo, você já enxerga tudo, que ela está agradecida, e é muito legal ver isso nos adultos. Por exemplo, para ilustrar o que eu estou falando, esse ano a gente foi dar um curso no Maranhão, em um evento que a gente fez, e aí a gente convidou dois voluntários que estão há muito tempo na Vaga Lume para dar o curso junto com a gente, que é o Dijaik, que é de Tefé no Amazonas, e a Jane que é do Maranhão, só que de uma comunidade quilombola em outro município. A Jane é uma pessoa que 3 anos atrás, quando eu a conheci, ela não conseguia olhar no olho das pessoas, ela não conseguia falar em público, era uma pessoa supertímida, mas muito inteligente e cheia de vontade... e ela estava lá, com a cabeça erguida e deu o curso, apresentou, sentou no chão, conversou com as crianças, conversou com todo mundo, falou com o prefeito... e uma hora ela sentou do meu lado e falou: “Eu não fazia isso, sabe quanto isso é importante para mim?”, eu falei: “Caramba Jane, a gente fica focado tanto nas crianças que a gente mal para para enxergar os adultos.” Pessoas de fora, que enxergam a Vaga Lume fora, já falaram isso para a gente: “Vocês focam numa coisa que é muito legal, mas olha que legal também o que acontece com os adultos. Essa troca, imagina você juntar uma pessoa de cada estado no mesmo lugar e dar junto um curso para uma galera, é muito enriquecedor”.

S.R: Os mediadores são mais adultos, ou jovens?

A: A gente gosta de fazer uma mescla entre adultos e jovens, porque a gente acredita que os jovens têm muita potência dentro da comunidade e eles vão ser as próximas pessoas que vão administrar a comunidade, então é muito legal focar nos jovens também. Para a criança é um trabalho um pouco mais delicado, fazer a mediação com criança, pois elas precisam estar alfabetizadas, serem leitoras.

A gente tem que valorizar muito essas pessoas, a gente manda um certificado todo ano, a gente telefona para elas, a gente manda camiseta, brinde, tenta levar cada vez mais pessoas para eventos, a gente tenta do jeito que a gente pode, com o recurso que a gente tem.

A gente vive em uma rotina que para a gente é comum e aí vem alguém de fora enxerga a tua vida e fala: que aqui incrível tudo que você faz e você fala - nossa eu faço mesmo, nem tinha me ligado que eu fazia isso. Então a gente vai para lá e a gente e acha tudo aquilo muito incrível e fala para eles: Vocês já observaram como tudo isso é incrível!

A Vaga Lume é baseada nessa troca, é bem Paulo Freire, as pessoas que mudam o mundo, o livro não muda o mundo, as pessoas que mudam. A gente pensa nisso.

Entrevistado B – Entrevista com educador e beneficiado da Vaga Lume concedida à pesquisadora dia 02/11/2018 por Skype, Belém - São Paulo.

S.R: Há quanto tempo você conhece o projeto Expedição Vaga Lume e qual a sua relação com ele?

B: Então eu conheço Vagalume há 11 anos já. Desde quando o projeto foi implantado na comunidade onde eu morava. Eu conheci a Vaga Lume em outra comunidade próximo a comunidade que eu morava. Porque em Soure a gente tem três comunidades onde a Vaga Lume atua que é o Caju-Una, Pesqueiro e a Comunidade do Céu Morada do Sol. Eu conheci quando tinha 10 anos no Pesqueiro. Como eu gostava muito de ler, achei muito legal, eles tinham uma biblioteca na comunidade. E no ano seguinte ela foi implantada na comunidade onde eu morava, que é a Comunidade de Caju-Una. Desde então eu passei a ter uma relação com o projeto eu decidi que queria ser voluntário, queria de alguma forma participar e aí começou a minha relação com o Vaga Lume. Como monitor, por gostar muito de ler, como a gente morava numa comunidade e o acesso ao livro era muito difícil e a condição financeira para comprar um livro era muito difícil, mas a Vaga Lume permitiu que eu tivesse esse acesso à leitura desde muito cedo e então desde aí eu construí minha relação com o projeto.

S.R: Você é capaz de perceber alguma mudança em sua vida após se tornar um leitor? Poderia falar quais seriam?

B: Então eu estudava numa escola do interior que ficava a 18 km do município da sede da cidade, da zona urbana, então eu estudei praticamente minha vida toda numa escola de zona rural. Eu sentia um pouco de receio porque no Ensino Médio eu teria que ir estudar na cidade e nessa escola da Zona Rural, às vezes faltava professor, às vezes não tinha aula porque o professor não conseguia chegar e eu sentia um pouco de receio de não conseguir acompanhar os alunos do Ensino Médio da Zona urbana. Só que assim, como eu comecei a ter contato com a leitura desde muito cedo, quando eu cheguei na escola da Zona Urbana, eu percebi que eu me destacava mais que os alunos que estudavam lá, que tinham aula regularmente, que professor não faltava, que tinha uma boa estrutura. Eu cheguei a participar de algum concurso de redação, quando estudava na Zona Rural, e por dois anos seguidos eu fiquei em primeiro lugar porque a leitura facilitou a minha escrita. E quando eu passei no ano seguinte, no ensino médio, para a Zona Urbana eu representei a minha escola nesse mesmo concurso de redação e novamente eu obtive o primeiro lugar por dois anos seguidos e eu vi que isso foi devido ao meu contato com a leitura, então a leitura desde cedo impactou a minha vida, tanto na educação como me relacionar com outras pessoas. E na escola foi fundamental para que eu conseguisse tirar boas notas, conseguisse me destacar. Da minha turma eu fui a única pessoa que conseguiu passar em uma Universidade Pública no vestibular.

S.R: Em relação a vida das pessoas da comunidade, por ter mais acesso aos livros, por conseguir viajar, sonhar, através do conhecimento, esse acesso ele abre portas? Não necessariamente só na educação escolar.

B: Eu vou dar meu exemplo, quando eu morava na comunidade eu tive contato desde cedo com a leitura e graças a esse contato tanto quanto leitor, como voluntário da Vaga Lume, fez com que eu escolhesse a minha profissão. Eu fiz licenciatura e sempre quis ser professor, eu acredito muito nesse trabalho, quanto a educação pode mudar a vida de alguém. Tanto a minha relação com outras pessoas, não só na educação, minha relação melhorou, a forma como eu trato as pessoas, a forma como eu me relaciono com as pessoas de outras comunidades, graças ao trabalho da Vaga Lume eu comecei a ter uma visão mais ampla da comunidade que eu moro. Teve uma vez que eu dei uma palestra na Bienal do Livro de São Paulo para falar do trabalho das bibliotecas comunitárias. Então, não somente na questão do livro em si, mas minha relação com as pessoas, a relação com a sociedade melhorou graças a esse contato com a Vaga Lume e assim como muitas outras crianças eu consigo perceber

que elas conseguem também da mesma forma, consigo acompanhar pois estou nesse papel muitos anos de voluntário, e acompanho os voluntários das comunidades, e eu percebo a mesma coisa com eles, principalmente com os mais jovens, eles se tornam mais engajados na política, por exemplo, mais engajados como protagonistas na comunidade, não somente no trabalho da biblioteca mas em questão de liderança mesmo comunitária, pois nessas comunidades é muito importante o papel de liderança, pois o líder é aquela pessoa que vai ficar a frente dos trabalhos da comunidade e a gente percebe muito o quanto esses jovens estão começando a se engajar como lideranças. A biblioteca é só o início para que esses jovens sejam protagonista desse trabalho e vai muito mais além.

S.R: Você sente então que esses jovens quando se tornam um leitor e como você disse protagonista, eles querem passar isso para frente?

B: Sempre dou meu exemplo para falar, Eu comecei na Vaga Lume quando eu tinha 11 anos de idade, eu e minha amiga que estudávamos juntos, a gente começou, a gente ia para a biblioteca e lá a gente fazia um trabalho de limpeza nos livros, a gente limpava os livros, a gente arrumava, organizava, emprestava para as crianças, com o passar do tempo eu fui participando de outros eventos da Vaga Lume, ela dava formação para os voluntários, curso de formação para entender a metodologia da Vaga Lume, entender mesmo esse projeto de gestão para cuidar de uma biblioteca e como ser mediadores de leitura. Então eu comecei a participar desses cursos, de congressos da Vaga Lume e tive contato com outros voluntários e desde então eu voltei para atuar no meu município, dando outras formações, para que o trabalho não pare, para que ele não morra, costume sempre dizer assim, eu entrei numa Universidade Pública, consegui concluir a minha graduação e eu sei muito bem qual é a realidade que eu vinha, eu percebi muito em alguns jovens, aqueles que não conseguiram, por exemplo, ter acesso a educação, ou a uma biblioteca, ou que não frequentavam tanto, que eles não acabavam concluindo o Ensino Fundamental ou o Ensino Médio, diferente daqueles que têm esse acesso, que tem uma biblioteca. E eu queria a mesma coisa, da mesma forma que eu tive uma porta aberta, para que eu tivesse acesso a essa educação eu queria que outras jovens que vem de uma realidade igual a minha também tenham, tanto que eu hoje continuo atuando na Vaga Lume. Quando eu entrei na Universidade eu achei que não teria tempo, por conta dos estudos e tudo mais, continuar atuando como voluntário, mas daí eu pensei assim: “Se eu parar de fazer esse trabalho, vai ser uma pessoa a menos fazendo isso, então eu decidi que não iria parar”, porque eu acredito que a gente precisa dar continuidade. Os jovens eles querem também que o trabalho continue, o trabalho vai passando de geração para geração e sempre trazendo bons resultados.

S.R: Você acha que depois que a pessoa tem o contato com o projeto, vê a importância dele, vai levar aquilo para frente, para a vida, exigindo como um direito, indo atrás do governo, porque ela vai entender que aquilo não dá mais para viver sem?

B: Com certeza, por exemplo eu, a biblioteca Vaga Lume na minha comunidade continua aberta, ela ainda existe até hoje, mesmo eu tendo saído de lá. Agora, se ele tivesse encerrado, eu continuaria engajado da mesma forma em outras ações, lutando para que outras crianças tivessem também esse direito à educação, esse direito à literatura, porque eu acredito realmente que é um direito, mesmo se ela tivesse fechado eu continuaria engajado naquilo que eu acredito. Da mesma forma que eu conheço a Tássia, que ela era voluntária de uma biblioteca aqui no Bengui, periferia de Belém, única biblioteca Vaga Lume na zona urbana, lá encerrou o trabalho por diversos fatores, era uma cidade grande, dificuldade de treinar voluntários, só que a Tássia, minha amiga, continua sendo engajada no que ela acredita. Ela cursa pedagogia e ela continua também lutando para que outras crianças também tenham acesso à educação, porque ela teve esse acesso através da Vaga Lume, através de outros projetos. Só que embora tenha encerrado na comunidade o trabalho da Vaga Lume, ela ainda continua como uma pessoa engajada pela educação, como uma ativista pela educação.

S.R: Vivemos em um país de forte tradição da cultura da oralidade. Vocês percebem isso nas comunidades que atuam? Esse fato ajuda, atrapalha ou é indiferente na formação de novos leitores?

B: A Vaga Lume é baseada num tripé, nesse tripé temos a questão da gestão, da estrutura e uma das pontas é a valorização da cultura local. E uma das formas que a gente usa de valorização e através da oralidade, ouvindo as histórias, a gente faz um trabalho que a gente chama de livro artesanal, a partir da escuta dessas histórias, os próprios voluntários que atuam na biblioteca eles produzem alguns livros com histórias de pessoas mais velhas da comunidade, que é uma maneira de manter a histórias mesmo presente, como valorizar essas histórias. E quando a pessoa que contou a história, vê essa valorização, vê que tem um livro e tudo mais, ela acaba criando de alguma forma um laço com a biblioteca, ela vê o quanto que valorizaram a história, o quanto aquele livro passa a ser importante, mesmo que seja um livro de uma história que ela já saiba, isso acaba estreitando mais o laço entre a pessoa e a própria biblioteca, através da valorização das histórias que a gente ouve nessas comunidades, e acaba estreitando a nossa relação como educador com as pessoas da comunidade, porque umas das melhores formas de fazer esse trabalho é chegando na comunidade e ouvindo as pessoas, acaba criando um laço, criando uma relação com elas e acaba tendo mais eficácia no trabalho, melhores resultados em realizar um trabalho na comunidade. As histórias acabam sendo uma ponte para ligar um pouco as pessoas, a biblioteca, as pessoas de realidade diferentes.

S.R: Você sente uma diferença das idades, talvez os mais velhos sintam mais emoção ou se sentem mais ouvidos em relação aos mais novos?

B: Eles sentem emoção na questão de serem valorizados, quando eles veem os livros, quando a gente faz o lançamento do livro a gente convida as pessoas que contaram as histórias para verem os livros, acaba tendo essa emoção da parte deles, de ver o quanto a própria comunidade está valorizando aquilo que eles sabem, muitas pessoas da comunidade sabem aquela história, mas a partir do momento que a gente produz um livro, que a gente conta, outras pessoas também vão conhecer e as pessoas mais velhas acabam se emocionando em relação a isso, porque é a maneira como elas estão de alguma forma ligadas a biblioteca, porque geralmente as pessoas que engajam mais são as mais jovens. Mas os mais velhos perceberem o quanto eles são importantes para a comunidade, o quanto que as histórias que eles sabem são importantes para a comunidade isso acaba gerando uma emoção da parte deles.

S.R: Uma biblioteca sem o trabalho de mediação, sem o trabalho dos professores da escola, não adiantaria, certo?

B: Não. Eu fui uma vez na biblioteca municipal da cidade que eu morava e só emprestei livro uma única vez, nunca mais eu voltei, porque era totalmente diferente da biblioteca que eu estava acostumado a ver. A gente fazia um trabalho de dar mesmo acesso, garantir que a biblioteca tenha livros para as crianças, que as crianças possam ter contato com o livro, que elas possam emprestar, possam ir usar e eu acho que essa é a melhor forma de incentivar a leitura. Eu fui bolsista na lá na UFPA, que é a Universidade Federal do Pará, dentro da biblioteca que eu conheci, uma biblioteca que estava fazendo um trabalho diferente, como a biblioteca não tinha dono, as pessoas não podiam entrar dentro da biblioteca, tinha que pegar o livro e entregar para eles, pois elas não podiam ter acesso, eu era totalmente contra a isso, pois não foi assim que eu aprendi que funcionava uma biblioteca, a biblioteca precisa estar livre, principalmente para as crianças e jovens terem acesso. Exatamente isso que a Vaga Lume faz quando a gente trabalha com a questão da mediação de leitura, a gente acaba criando uma relação, uma ponte, entre o voluntário e a criança, para que essa criança ela possa perceber que aquele espaço também é dela, que ela sempre é bem-vinda, que ela pode ter acesso e que a gente não vai impedir de modo algum que ela tenha em mãos um livro. Aí

entra o professor, o mediador, entra a comunidade, entra os pais, para poder garantir de fato que uma criança tenha acesso a leitura. Essa é a metodologia da Vaga Lume que garante que essas crianças de fato frequentem cada vez mais as bibliotecas.

S.R: Quais são os seus autores ou livros preferidos?

B: Então, um dos meus livros preferidos, na verdade são dois livros, que para mim foram muito inspiradores, que é “O Diário de Anne Frank”, que é um livro que eu sempre ouvi falar na escola mas eu nunca consegui encontrar em livraria ou biblioteca alguma, teve uma vez que um dos acervos que foram enviados para a comunidade foi o “O Diário de Anne Frank” e aí eu pude realmente ler um livro e para mim foi muito inspirador, a história da Anne para mim é uma história inspiradora, apesar de ser triste, o que ela escreveu serve para muitas gerações. O outro livro também que é o “A Cidade das Feras” que é um livro que fala o que as pessoas têm dentro de si e o quanto isso pode fazer com que elas se engajem em muitas causas. Então eu acho que esses dois livros para mim são fundamentais para que eu continue fazendo aquilo que eu acredito.

S.R: Existe alguma coisa que você queira comentar/falar sobre o Projeto Expedição Vaga Lume?

B: A Vaga Lume é um projeto extremamente importante para muitas comunidades, principalmente porque eu sei da dificuldade, por exemplo, eu nasci na Ilha de Marajó e eu sei a imensa dificuldade que a gente ainda tem, é uma região extremamente rica em termos de biodiversidade, mas é uma região extremamente pobre. Ainda faltam políticas públicas de educação para crianças, para jovens. A gente ainda ouve, por exemplo, a mesma região com exploração sexual de crianças, trabalho infantil, então eu acho que quando um projeto como o da Vaga Lume consegue chegar numa comunidade muito distante, fazendo esse trabalho de educação, acho que a gente consegue fazer uma grande diferença para essas crianças, para esses jovens. Eu acredito muito no que a Vaga Lume faz, tanto que eu estou a quase 12, 13 anos atuando no projeto, fiquei muito feliz quando eu consegui vir trabalhar no projeto, porque é o que eu acredito e eu sei o quanto pode transformar a vida das pessoas, porque a minha vida foi transformada graças a uma boa contribuição do projeto Vaga Lume. Eu acho que ele é essencial para muitas comunidades, para muitas crianças e jovens que estão fazendo esse trabalho, tanto como voluntário, tanto como pessoas que são beneficiadas pelo o projeto, como as pessoas que frequentam a biblioteca e todo mundo acaba ganhando com isso na comunidade, todo mundo que faz parte do projeto.